

Os caminhos da festa

ALEXANDRE RIBONDI

Quando, na noite de 26 de outubro, as luzes se apagarem no interior do Cine 1 no CinePark, no ParkShopping, para que se dê início à projeção do filme *Abolição*, de Zózimo Bulbul, que abre oficialmente o 21º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, as autoridades, o público e as celebridades que estiverem presentes poderão constatar as surpresas da festa. Trata-se, na verdade, de uma estréia variada, considerando-se o fato de que é a primeira vez que um certame cinematográfico ocupa os espaços de um conjunto comercial e põe-se a discutir arte em um local tradicionalmente reservado a boutiques, lojas de departamentos e lanchonetes.

Em seguida, estas mesmas pessoas poderão observar, de perto, o que resultou de um longo processo, que durou dois meses, de empurrar-empurrar de datas e de nomes até que tanto a administração do ParkShopping quanto a direção da Fundação Cultural do Distrito Federal pudessem afirmar, sem temer erros: "Teremos Festival".

Ao lado de tudo isto, há ainda outras surpresas. O superintendente do ParkShopping, Joel Campanatti, e o administrador do CinePark, Miguel Ribeiro, deixam claro que "de nossa parte, está tudo garantido", mas é o próprio Miguel Ribeiro quem completa: "Agora, vamos ver a parte da Fundação Cultural". Esta "parte garantida" a que se referem inclui algumas alterações na vida cotidiana do conjunto comercial.

Normalmente, quem se dirige às oito salas do CinePark pode fazê-lo pela entrada em frente ao estacionamento F-4 ou atravessando a barulhenta área reservada aos brinquedos infantis. No Festival, a coisa muda: haverá um corredor cultural à direita de quem chega ao cinema, com cortinas, tapetes e palanques para autoridades. Neste mesmo palanque, Joel Campanatti quer fazer subir d. Geraldo Avilla, bispo auxiliar de Brasília, para benzer o Festival. "Vamos rezar para que tudo dê certo", confessa o superintendente. Se der certo mesmo, até o presidente José Sarney, convidado pela superintendência do ParkShopping, poderá aparecer por lá para ver como está a coisa.

Nesta mesma noite de abertura, uma ala dos Dragões da Independência, corpo da guarda presidencial, estará no Corredor Cultural, dando seriedade à festividade. E a Banda do Exército, em uniforme, garantirá a música. Enquanto isto, o



público poderá se dirigir às salas 1, 2 e 3, no andar superior do cinema, que estão assim distribuídas: às 21 horas, projeção de filme em longa-metragem no Cine 1, com 320 lugares. Este mesmo filme poderá ser visto no Cine 3, a partir das 22 horas do mesmo dia. A mostra de filmes em 16mm será feita no Cine 2 (240 lugares), sempre às 16 horas.

O Festivalzinho da Criança, marcado para as 10h30, será no Cine 3, com 189 poltronas. Feitas as somas, surge um total de 749 poltronas, razoavelmente confortáveis, rivalizando — e ganhando — do Cine Brasília que tem apenas 606 assentos. E o novo endereço do Festival tem ar-condicionado, que funciona, ao contrário do cinema da Fundação que

sempre foi um forno — mesmo que fique bem mais próximo dos hotéis, dos restaurantes e, enfim, da cidade.

O superintendente Joel Campanatti não deixa de ter razão ao afirmar, com um pequeno sorriso de satisfação: "Se o ParkShopping não tiver estrutura para suportar um Festival, que outro local em Brasília vai ter?" Sorriu à espera de resposta e ainda acrescentou: "Modéstia à parte, não é?" De fato, haverá uma sala para a imprensa dentro do conglomerado do CinePark e duas salas do Conjunto comercial ser-ao-reservadas para debates e reuniões — uma no interior da Sandiz e outra na sala 230. Além disto, como os cinemas do Festival ficam no segundo andar, há um elevador para os deficientes físicos.

Com tudo isto, o Festival trata de esquentar os motores, depois de algum período de incerteza, rompido pela conversa tida por Joel Campanatti com Joaquim Roriz, quando o governador do Distrito Federal teria dito: "Assumo a responsabilidade e dou todo o apoio". Com este tranquilizante deixa comigo, tudo voltou a querer dar certo. Agora vai depender da Fundação Cultural, do público, e da própria produção cinematográfica nacional para que o Festival realmente brilhe — com ou sem bênção episcopal.